

## Organização:

Federação Portuguesa de Columbofilia.

Escola E.B. 2,3 do Poeta Manuel da Silva Gaio.

Historiador Dr. Paulino Mota Tavares.

## Colaboração:

Dr. Machado Lopes

Grupo Columbófilo de Coimbra.

Secção Columbófila do S<sup>ta</sup> Clara F.C.

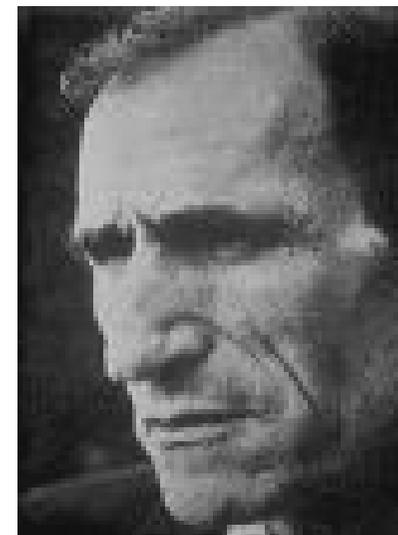


## Breve Biografia

Miguel Torga nasceu em 1907 em S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa, Trás os Montes, aldeia onde cresceu e que o havia de marcar para toda a vida. De nome **Adolfo Correia da Rocha**, adoptou o pseudónimo de **Miguel Torga** (torga é o nome dado à urze campestre que sobrevive nas fragas das montanhas, com raízes muito duras infiltradas por entre as rochas). Depois de uma breve estadia no Porto, frequentou apenas por um ano o seminário em Lamego. Em 1920 partiu para o Brasil. Regressou depois a Portugal acompanhado de um tio, que se prontificou a custear-lhe os estudos em Coimbra. Em apenas três anos fez o curso do liceu, matriculando-se a seguir na Faculdade de Medicina, onde terminou o curso em 1933. Exerceu a profissão na terra natal, passou por Miranda do Corvo, mas foi em Coimbra que alguns anos mais tarde acabou por se fixar. Foi logo após ter entrado para a universidade, que deu início à sua obra literária, com os livros "Ansiedade" e "Rampa". Só em 1936 passou a usar o pseudónimo que o havia de immortalizar. Desde a década de trinta até 1944, escreveu uma obra vasta e marcante, em poesia, prosa e teatro. Não oferecia livros a ninguém, não dava autógrafos ou dedicatórias, para que o leitor fosse livre ao julgar o texto. Foi várias vezes candidato a *Prémio Nobel da Literatura*. Ganhou vários prémios entre eles o *Grande Prémio Internacional de Poesia* e em 1985 o *Prémio Camões*. Com ideias que se demarcavam do salazarismo, foi preso e pensou em sair do país, mas não o fez por se sentir ligado à pátria e a Trás-os-Montes, longe do qual seria um "cadáver a respirar". A sua poesia reflecte as apreensões, esperanças e angústias do seu tempo. Nos volumes do seu Diário, em prosa e em verso, encontramos crítica social, apontamentos de paisagem, esboço de contos, apreciações culturais e também magníficos textos da mais alta poesia. Toda a sua obra, embora multifacetada, é a expressão de um indivíduo vibrante e enternecido pelas criaturas, tremendamente ligado à sua terra natal. Faleceu em 1995. Em 1996 foi fundado o Circulo Cultural Miguel Torga.

Escola E.B. 2,3  
Poeta Manuel da Silva Gaio

## Comemorações do Centenário do Nascimento de Miguel Torga



1907- 2007

## Bibliografia

Poesia: "Ansiedade" (1928), "Rampa" (1930), "Tributo" (1931), "Abismo" (1932), "O outro Livro de Job" (1936), "Lamentação" (1943), "Libertação" (1944), "Odes" (1946), "Nihil Sibi" (1948), "Cântico do Homem" (1950), "Alguns Poemas Ibéricos" (1952), "Penas do Purgatório" (1954), "Orfeu Rebelde" (1958), "Câmara Ardente" (1962), "Poemas Ibéricos" (1965).

Ficção: "Pão Azimo" (1931), "A Terceira Voz" (1934), "A Criação do Mundo" (5 volumes, 1937 1938 1939 1974 1981), "Bichos" (contos, 1940), "Contos da Montanha" (1941), "Rua" (1942), "O Senhor Ventura" (1943), "Novos Contos da Montanha" (1944), "Vindima" (romance, 1945), "Pedras Lavradas" (contos, 1951), "Traço de União" (1955), "Fogo Preso" (1976).

Teatro: "Terra Firme, Mar" (1941), "O Paraíso" (1949), "Sinfonia" (poema dramático)(1947).

Literatura autobiográfica: "Diário" (16 volumes, 1941 1993), "Portugal" (1950).

## PROGRAMA DE HOMENAGEM

12 de Dezembro de 2007

### Na Portagem

9:30 H - Concentração junto ao monumento a Miguel Torga no Largo da Portagem.

9: 45 H- Declamação de poemas pelo Dr. Machado Lopes - homenagem ao escritor

9:50 H - Intervenção do Presidente da Federação Portuguesa de Columbofilia

10 H - - Largada de pombos-correios com mensagens/poemas de Miguel Torga

### NA ESCOLA

10: 10 H -Chegada das mensagens ao pombal da Escola Silva Gaio

10: 20 H - Recolha das mensagens e leitura expressiva das mesmas por alunos do 9º Ano (Grupo de Teatro).

11: 00 – H Descerramento de painel alusivo ao evento, para recordar Miguel Torga.

11: 05 -H Encerramento da actividade com intervenções das individualidades presentes.

Altas e largas vidraças, as janelas do novo consultório eram dois grandes olhos abertos sobre a pequena praceta ajardinada a que o bronze de uma estátua dava não sei que imobilidade metálica. À direita, a fachada lívida do Banco de Portugal, com o relógio no topo a marcar as horas sonolentas; `a esquerda, a velha ponte de ferro a transpor a fita branca do areal por onde o Mondego serpeava, minguado e preguiçoso; em frente, a verde perspectiva do horizonte rural, pasto bucólico da imaginação... Pombas vadias bandeavam-se voluptuosamente nos fios da rede eléctrica ou catavam-se pousadas nos candeeiros da iluminação. O rumor do trânsito crescia e decrescia nos ouvidos em ondas alternadas. O escudo da cidade, desenhado a plantas policromadas num canteiro de relva, dava as boas-vindas aos forasteiros.

Coimbra mais uma vez, com a sua luz mediúmnica, a sua graça lírica e a sua provinciana prosápia doutoral, que a Torre da Universidade simbolizava, a pairar ativa no céu lavado.

Miguel Torga,  
*A Criação do Mundo ( Sexto Dia)*